

MURALENTREVISTA

CURSO DE JORNALISMO UNAERP
AV. COSTÁBILE ROMANO, 2201 | (16) 3603.6716

DEZEMBRO DE 2024

ANO 9 | RIBEIRÃO PRETO

ENTREVISTA: LUIZ TEIXEIRA

Racismo no jornalismo: Um Silêncio Que Fere

Jornalista do SporTV e da TV Globo fala dos preconceitos que ele e colegas seus já sofreram na profissão

Repórteres: Larissa Rodrigues e Thays Silva

O jornalista esportivo Luiz Teixeira, um homem negro e de origem humilde, nunca deixou que os desafios da vida o impedissem de seguir em frente. Nesta entrevista, Teixeira aborda o racismo estrutural na imprensa brasileira, com foco especial no jornalismo esportivo. E expõe o silêncio das redações das grandes emissoras sobre pautas raciais e compartilha as dificuldades que enfrentou como profissional negro em um ambiente historicamente excludente. A conversa traz à tona questões que revelam um lado muitas vezes invisível das redações jornalísticas.



MURAL ENTREVISTA – Quando ingressou no curso de Jornalismo, quantos colegas negros havia na sua sala de aula e quantos se formaram?

LUIZ TEIXEIRA – Eu entrei na Anhembi Morumbi no ano de 2006 e na minha sala tinha “apenas” 110 alunos. No primeiro dia de aula eu era o único homem negro e tinha mais uma menina negra, e juntos nós fomos dois dos dez alunos que se formaram no final. Se pegarmos uma conta de porcentagem, nós fazemos parte dos 10% da sala que se formou. Os dois únicos negros da sala.

Você começou a trabalhar como jornalista assim que se formou ou teve dificuldade para ingressar no mercado de trabalho?

Quando entrei na faculdade eu trabalhava com o meu tio. Eu fazia pipas e foi meu primeiro emprego. Em 2007, no meu segundo ano de faculdade, consegui meu primeiro estágio, na Federação Paulista de Futebol, na área de comunicação. Ao mesmo tempo que eu trabalhava lá como estagiário, eu tive minha primeira experiência

na Rádio Nova Difusora, de Osasco. Eu fazia as prévias dos jogos olímpicos de Pequim. Os jogos eram de madrugada, então eu assisti os jogos na TV, pois eu não tinha internet e gravava os boletins durante o dia. Ia trabalhar, depois eu ia pra faculdade.

Em algum momento você temeu que o fato de ser negro te impediria de exercer sua profissão?

Por eu não ter TV a cabo, eu ouvia muito rádio. E no rádio eu não sabia qual era a cara das pessoas, a cor, a altura, o peso, o cabelo. Eu achava que eu poderia me identificar mais com o rádio, pois eu gostava muito da minha voz, porém eu não me via na TV. Não tinha repórteres pretos, não tinha apresentadores pretos, eram sempre os mesmos. Era o Heraldo Pereira como apresentador, Glória Maria como repórter e no esporte o Abel Neto. E era só isso como

referência, todos na Globo, não havia outras emissoras. Tanto que a minha primeira oportunidade foi na Band, junto com o Neto, mas em alguns momentos esse medo me perturbava.

Quais foram as maiores dificuldades que você enfrentou até agora no mercado de trabalho?

Uma questão de preparo educacional quando se diz respeito a idiomas é um ponto importante porque eu sempre estudei em escola pública. No meu horário mais vago nunca tive a oportunidade de fazer um curso de inglês ou algum cursinho. Mas, para além disso, foi a locomoção. Nunca tive carro, sempre foi uma dificuldade de criança pobre da periferia de São Paulo para conquistar suas coisas. Preto inclusive.

Você já lidou com preconceito em eventos

esportivos grandes por conta da cor da sua pele?

Sim! A minha primeira transmissão na Globo foi da Porsche Cup, chegamos eu e o motorista. Eu era o único que estava com a camisa de repórter, que é uma camisa azul específica que todos usam. Somente o Sportv faria a transmissão. Me apresentei a todos os funcionários, me entregaram o microfone e o retorno, disseram para eu correr até a pista, pois o repórter já estava esperando. Eles não me enxergavam como um homem preto em uma posição importante. Então, foi uma dificuldade muito grande. Depois, no Brinco de Ouro da Princesa, no estádio do Guarani, em um jogo da Série B, o segurança pediu minha credencial. Eu também estava com a camisa da transmissão e ele perguntou se eu estava entrando para trabalhar como cabo man. Isso me marcou bastante.

Já acompanhou ou teve informações sobre preconceito racista sofrido por colegas?

Vários! Mais relatos do que propriamente visto. Nós temos aqui a Amanda Barbosa, Denise Thomaz Bastos, o Matheus Ribeiro etc. Diariamente, eles relatam o tratamento, as escolhas de pautas. Se tem uma pauta em lugar muito chique, olham a pessoa preta e não acham que é repórter. Esse processo é bem desgastante.

Isso fez com que você questionasse por um momento a profissão que você escolheu?

Não. Eu sempre fui muito duro nas minhas decisões, eu sempre acreditei muito no meu trabalho. Então, isso é inerente a qualquer outra questão, eu sempre fui muito decidido em tudo quando se diz a respeito da minha profissão.

Como você avalia a representatividade negra

no cenário da comunicação atualmente?

Eu vejo uma evolução muito grande principalmente aqui na TV Globo. Claro que tem aqueles movimentos forçados e isso nos faz cairmos em alguns erros. Como o de individualizar as conquistas ou coletivizar. Se eu conquistar um espaço apresentando o Globo Esporte, ou qualquer jornal grande, as pessoas vão falar: ‘se o Luiz conseguiu, um homem preto, eu também consigo’. Se eu chegar nesse espaço e falhar, as pessoas irão coletivizar o meu erro: ‘é colocar um homem preto para fazer tal coisa que vai dar erro’. Vejo uma evolução, mas tem que ser uma evolução cuidadosa.

Que conselho você daria para um jovem que quer ingressar no Jornalismo, seja na área do esporte, do entretenimento ou outras áreas? O que você gostaria de ter ouvido antes de se formar?

Não desista e não pare. Se eu tivesse parado, talvez eu não estivesse no lugar que estou hoje, então não pare e continue. É difícil mas a gente consegue. ◆

EXPEDIENTE

O projeto Laboratorial MURAL ENTREVISTA é desenvolvido como atividade prática da disciplina Técnicas de Redação e Reportagem, ministrada na 2ª etapa do curso de Jornalismo da Unaerp – Universidade de Ribeirão Preto.

COORDENAÇÃO DO CURSO DE JORNALISMO

Profº Geraldo José Santiago

ORIENTAÇÃO E EDIÇÃO

Profª Elivanete Zuppolini Barbi

PAUTAS, ENTREVISTAS E REDAÇÃO

Alunos da disciplina Técnicas de Redação e Reportagem – 2ª etapa

APOIO TÉCNICO

Janio Warlem (Lecograf- Laboratório de Editoração Eletrônica e Computação Gráfica dos cursos de Comunicação Social da Unaerp)